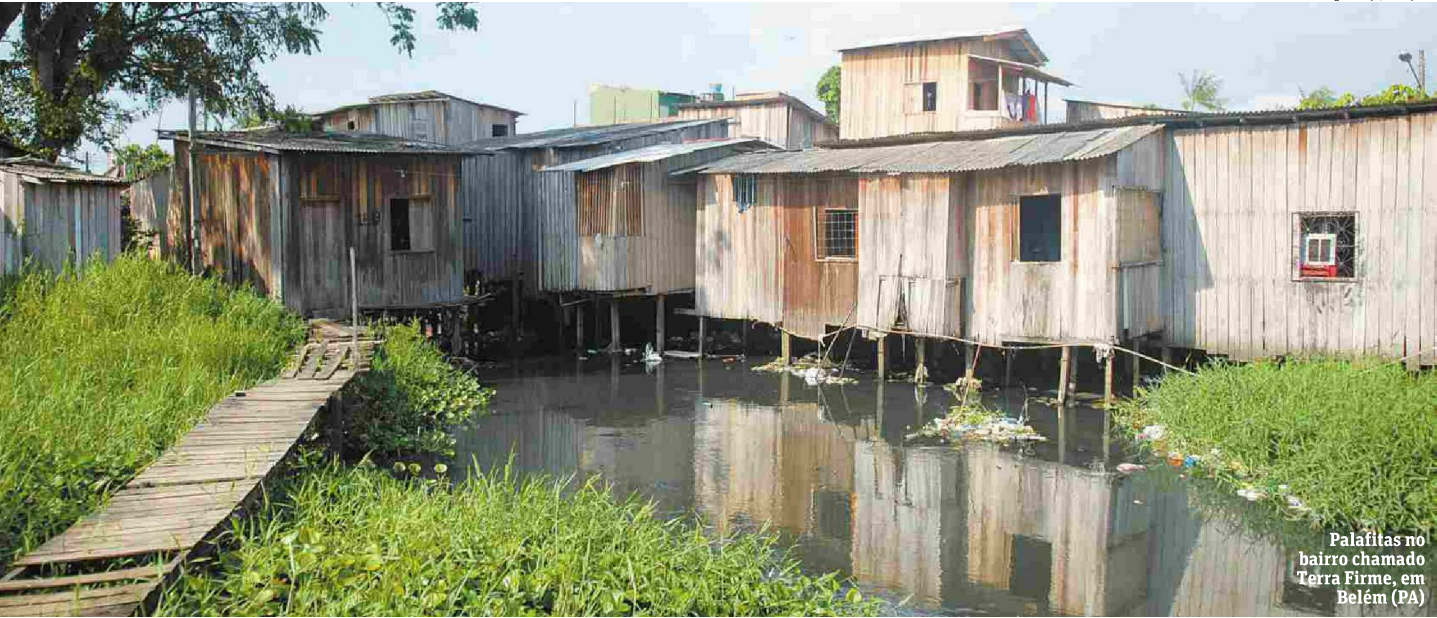
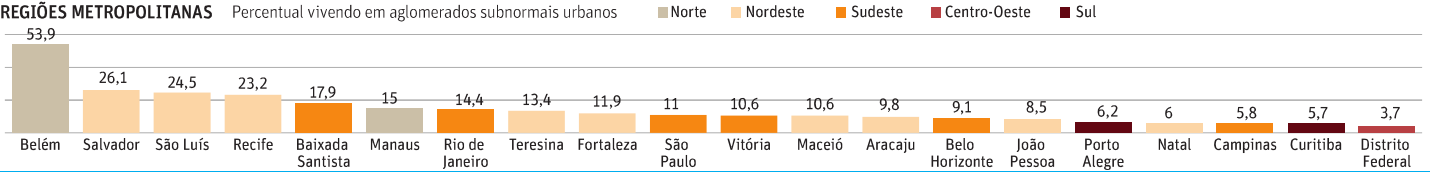


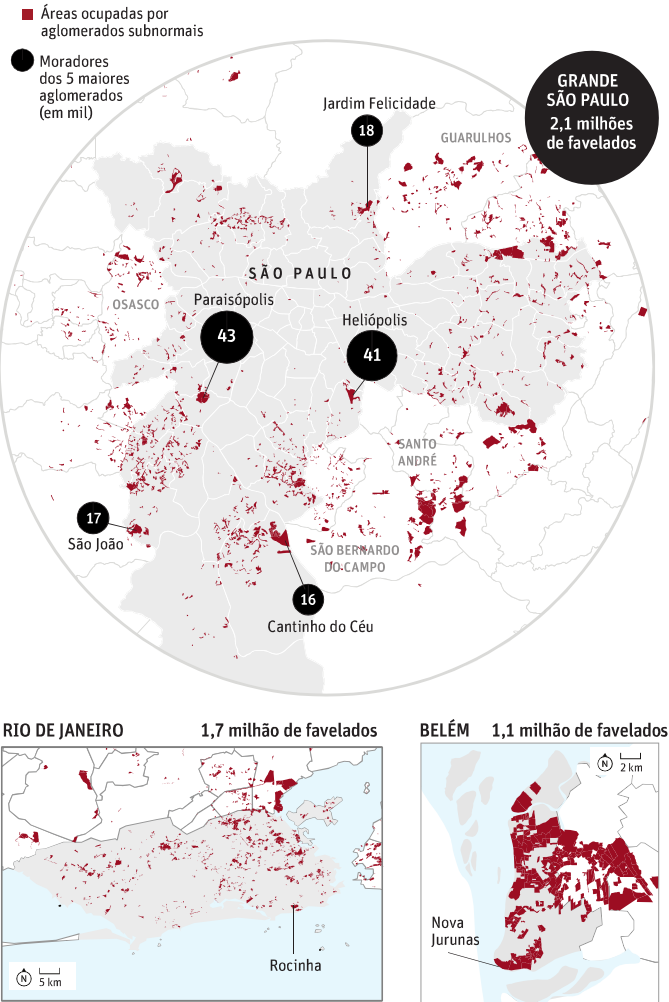


Thiago Araújo/Folhapress

Palafitas no bairro chamado Terra Firme, em Belém (PA)

AS MAIORES

São Paulo, Rio e Belém têm o maior número de moradores em aglomerados



Mais da metade da Grande Belém vive em casas precárias

Palafitas e falta de saneamento básico fazem parte do cotidiano de 54% dos moradores da área metropolitana

Região tem a maior proporção em todo o país de pessoas que vivem em moradias em condições irregulares

AGUIRRE TALENTO
DE BELÉM E MARITUBA (PA)

Os alicerces das casas são de madeira e foram erguidos sobre fétidos córregos que acumulam lixo e dejetos. Quando chove, a água suja invade as casas, que correm risco de desabar.

Nas chamadas palafitas, as habitações da periferia de Belém, o saneamento básico não chegou e a energia elétrica, em alguns casos, é obtida clandestinamente.

A região metropolitana de Belém é a que tem a maior proporção de pessoas vivendo em moradias em condições irregulares (54%). Em números, 1,1 milhão dos 2,1 milhões de habitantes moram em locais precários.

“Se você me perguntar se eu queria ir para um lugar com condições melhores, claro que queria. Mas não temos condições financeiras”, diz o vigilante desempregado Carlos Alberto dos Santos, 39.

Ele mora com a mulher no bairro chamado Terra Firme. Sua casa, no entanto, está aliçada sobre bases nada firmes: estacas de madeira fincadas num córrego sujo.

“Não tem saneamento. A descarga do vaso sanitário cai direto no córrego”, afirma.

Até mesmo percorrer o caminho entre duas casas é perigoso. O trajeto é feito por passarelas de madeira esburacadas. Cada vez que alguém passa, as tábuas começam a balançar.

Os moradores dessas peri-

ferias reclamam ainda da demora na coleta de lixo, que passa dias acumulado nos córregos, e da constante falta de água.

Por meio de nota, a Prefeitura de Belém diz que vai implantar, no início do mês, o Plano Municipal de Habitação e Interesse Social, que visa criar “diretrizes e estratégias” para reduzir o déficit habitacional. Diz também que está construindo mais de 1.400 moradias regulares.

PRECARIEDADE

A situação é ainda mais crítica no município de Marituba, na região metropolitana. Lá, a proporção de pessoas vivendo em domicílios irregulares chega a 77%.

Em números absolutos, isso corresponde a 83.353 dos 108.251 habitantes contabilizados pelo Censo do IBGE.

Na casa de Antônio Batista de Lira, 54, o banheiro foi instalado no quintal e coberto por uma lona.

Lá, ele e a mulher Maria de Nazaré dos Santos, 65, veem a fossa cavada no chão transbordar sempre que chove forte. Mas a falta de água encanada é o que mais incomoda.

Um carro-pipa abastece semanalmente a casa deles.

No Rio, indicação de morador incha Rio das Pedras

DO RIO

O pedreiro paraibano Paulo Cezar Buriti, 46, chegou há um mês em Rio das Pedras, zona oeste do Rio, após convite do conterrâneo Luciano Silva, 29, há 12 anos na favela. Este, por sua vez, foi chamado pelo amigo José Almir dos Santos, 29, há 15 na mesma comunidade.

Foi através de “indicações” de amigos e familiares que a favela se tornou a terceira maior do país, com

55 mil habitantes, de acordo com o IBGE.

Sem infraestrutura para atender tanta gente, criou-se um ambiente precário para seus moradores.

Dos postes proliferam fios de ligações clandestinas de energia elétrica. Um valão recebe esgoto in natura da chuva. Há lixo acumulado nas esquinas.

O secretário de Habitação, Jorge Bittar, diz que a prefeitura tem investido nas favelas. “Hoje temos unidades habitacionais e investimento pesado em transporte público. Todos os fatores que justificam a favelização estão sendo atacados”, diz.

Paraisópolis, na zona sul, é a maior favela paulistana

DO “AGORA”

Com 43 mil habitantes, Paraisópolis entrou na lista do IBGE como a maior favela da cidade de São Paulo. É a oitava maior favela do país.

Em seguida, com apenas 1.708 moradores a menos, aparece outra favela da zona sul: Heliópolis, que, até agora, era considerada pela prefeitura a maior da capital.

Segundo o IBGE, os números não são iguais porque a prefeitura pode utilizar uma metodologia diferente.

Um em cada dez moradores de São Paulo vive em uma das cerca de mil favelas da cidade. Dos 11,2 milhões de ha-

bitantes, 1,2 milhão moram em casas ou barracos construídos em áreas ocupadas irregularmente, geralmente em morros, que não contam com infraestrutura básica. Ao todo, são 355 mil moradias.

PROXIMIDADE

A nova maior favela de São Paulo atrai os moradores há pelo menos 50 anos pela proximidade com o bairro nobre Morumbi, de acordo com a Maria Augusta Justi Pisani, professora de arquitetura e urbanismo no Mackenzie.

“A pessoa que precisa de dinheiro sabe que só vai ter se estiver perto de onde ele está”, afirma a especialista.

Denise Maria da Silva, 26, se mudou há um ano de Heliópolis para Paraisópolis a

“ Quem precisa de dinheiro sabe que só vai ter se estiver perto de onde ele está ”

MARIA AUGUSTA JUSTI PISANI
professora de arquitetura e urbanismo no Mackenzie, sobre a proximidade de Paraisópolis com o Morumbi

Trabalhar aqui é tão bom quanto em Heliópolis

DENISE MARIA DA SILVA
comerciante e moradora de Paraisópolis

fim de viver com o marido e ajudá-lo no bar. “Trabalhar com comércio aqui é tão bom quanto em Heliópolis”, diz ela, que alugou seu apartamento na antiga favela para ajudar na renda familiar.

Seu marido, o também comerciante Maurino Santos Souza, 44, trabalhou como motorista por 15 anos em condomínios do Morumbi.

Souza saiu ainda pequeno de Itaipé, em Minas, para viver em Paraisópolis com os pais e os seis irmãos. Todos trabalharam no Morumbi. O pai, que já morreu, pintou casas de alto padrão. A mãe, aposentada, foi faxineira de casas e apartamentos de luxo.